

DO OUTRO LADO DA TELA: EXPERIÊNCIAS CLÍNICAS EM UM PROJETO DE ESCUTA SOLIDÁRIA | KARINA BERNARDES ¹ E LINA SCHLACHTER CASTRO ²

RESUMO

O isolamento social devido à pandemia da Covid-19 gerou intenso sofrimento psíquico em inúmeras pessoas. Pensando nisso, o projeto Escuta Solidária, promovido pela Sociedade Psicanalítica de Fortaleza, almejou atender pontualmente aos membros da comunidade que precisavam de uma escuta de suas angústias e inquietações. No presente artigo, dois relatos de atendimentos realizados pelo projeto são apresentados. Apesar de todos os desafios encontrados por não se ter um *setting* físico capaz de acolher toda a sensorialidade do encontro, percebeu-se que um *setting* interno das analistas foi capaz de possibilitar uma escuta em que o inconsciente do outro era recebido em seus psiquismos.

Palavras-chave: Covid-19. Escuta solidária. *Setting*. Elasticidade.

ABSTRACT

The social isolation due to the Covid-19 pandemic generated intense psychic suffering in innumerable people. Thinking of that, the Project Escuta Solidária promoted by the Psychoanalytic Society of Fortaleza aimed to support members of the community who needed to share their worries and concerns with a psychoanalyst. In this paper, two reports of interventions done during the Project are presented. Although many challenges were faced due to the lack of a physical *setting* capable of receiving all the sensoriality of the encounter, there was still an internal *setting* that enabled psychoanalysts to receive the unconscious derivatives of the other.

Keywords: Covid-19. Solidarity. *Setting*. Elasticity.

1 Psicóloga. Psicanalista. Membro associado da SPFOR. Membro da International Psychoanalytical Association - IPA. Especialista em Psicoterapia Psicanalítica pela Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Fortaleza.

2 Psicóloga. Psicanalista em formação pela SPFOR. Doutora em Psicologia Clínica pela University of Tennessee, EUA. Mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Já não havia então destinos individuais,
 Mas uma história coletiva que era a
 peste
 E sentimentos compartilhados por
 todos.

Albert Camus, 1947/2019

Freud, em seu texto *Recomendações ao médico que pratica psicanálise* (1912/2010), sugeriu que, para a análise ocorrer, são necessárias, para o paciente, a associação livre de ideias e, para o analista, a atenção flutuante. Em outras palavras, o paciente deve comunicar tudo que se passa em sua mente, suspendendo qualquer tipo de seleção de material, e o analista deve receber tudo que lhe é comunicado, abstendo-se de qualquer censura. Portanto, o inconsciente do paciente deve ser acolhido pelo inconsciente do analista. O analista, assim, deve “colocar-se ante o analisando como o receptor do *telefone* em relação ao microfone” (Freud, 1912/2010, p. 156, grifos das autoras).

Em sua obra, Freud enfatizou a importância do uso do divã para o trabalho de psicanalistas, defendendo que ele possui funções para que uma experiência emocional seja vivida no *setting*, ou seja, na sala de análise, de forma valiosa. A experiência de não estar frente a frente com o paciente possibilita tanto a escuta flutuante quanto a associação livre de ideias. O não-olhar do divã é uma ferramenta que favorece o olhar para dentro, na tentativa de alcançar, ao menos, uma fração de realidade íntima do paciente. Diante disso, na sala de análise, os caminhos que permitem que uma sessão de análise aconteça engloba movimentos, olhares, e todo caminho até o divã. Esse complexo percurso de experiências possibilita uma apreensão sensorial e intuitiva que se une à experiência emocional.

Inesperadamente, contudo, o cenário familiar do dia a dia analítico foi perdido devido ao isolamento social vivido durante a pandemia da Covid-19. Analistas tiveram que encontrar e desenvolver recursos para se manterem trabalhando atentos, apesar dessa mudança de percurso. Manter um atendimento remoto tornou-se uma alternativa, pois já existia uma intimidade com os pacientes que estavam em análise.

Os pacientes, por sua vez, também tiveram que se adaptar, na medida do possível, a um *setting* limitado, pouco preservado e dentro de um clima emocional que habitava em seus lares. Os caminhos até a sessão de análise passaram a ser os corredores, quartos e salas com fundos dos mais variados, configurando o novo ambiente analítico. Sons ao fundo, quadros, filhos e cachorros, por exemplo, fizeram-se presentes e, ainda assim, tentou-se extrair alguma intuição e/ou sensorialidade para apreender emoções. O sentimento era de vulnerabilidade e desamparo entre pacientes e analistas. Havia uma horizontalidade da experiência coletiva, apesar da assimetria entre paciente e analista ainda se fazer necessária.

Um novo *setting* precisava nascer. Para isso, trabalhos de psicanalistas, tais como Ferenczi e Winnicott, que foram ousados com a técnica, foram utilizados como fontes de inspiração. Ambos revolucionaram ao considerar um *setting* diferente para pacientes difíceis, por exemplo. No momento atual, a adaptação, no entanto, não aconteceria como no passado, de acordo com as demandas do paciente, mas devido a um contexto inusitado.

Ferenczi, em *A elasticidade da técnica psicanalítica* (1932/2011), critica a ideia de um trabalho psicanalítico mecânico e inflexível. Nesse texto, ele salienta a segunda regra fundamental da psicanálise: “quem quer analisar os outros deve, em primeiro lugar, ser ele próprio analisado” (1932/2011, p. 31). O resultado ideal de uma análise terminada, para ele, é a elasticidade. Sem a elasticidade, correr-se-ia o risco de ver a análise de forma pré-concebida e de se agarrar a convenções como se estas fossem tabus. O enquadre interno do psicanalista, assim, seria fortemente impactado por sua análise pessoal.

Com o isolamento social, desta forma, psicanalistas tiveram que sair de seus consultórios e testar suas elasticidades. A partir desse momento, o telefone, utilizado metaforicamente por Freud para explicitar como se dava o encontro analítico, passou a ser o principal instrumento facilitador de escutas psicanalíticas.

O ATENDIMENTO PONTUAL À COMUNIDADE

Aos poucos, os sentimentos de angústia de morte e de contágio, privação do contato humano e medo em relação ao trabalho começaram a ser ainda mais intensos pelo número crescente de infectados, mortos e desempregados, além do aumento de miserabilidade social. A violência social tornou-se mais evidente do que nunca. Dentro desse contexto, começou-se a pensar no que fazer, como psicanalistas, pelo outro em um tempo de tantas privações. Afinal, a pandemia estava acontecendo ao coletivo; era sobre relações.

O convite para fazer parte do grupo de Escuta Solidária, promovido pela Sociedade Psicanalítica de Fortaleza, veio justamente nesse momento de inquietação. O trabalho consistiu em atender, de forma pontual e remota, aos membros da comunidade que eram desconhecidos ao analista. Havia uma inscrição prévia no projeto através de um *website*, e a secretária do projeto encaminhava o inscrito para um profissional que tivesse horários compatíveis com os dele.

Logo foi percebido que havia pouca literatura psicanalítica sobre atendimentos pontuais e em crise. Utilizando a ideia de Caplan de que crise é um estado em que “uma pessoa lida com um obstáculo para realizar metas importantes de vida que é, por um período, intransponível com a utilização dos métodos costumeiros de resolução de problemas” (Caplan, 1964 *apud* Jacobson, 1967, p. 94, tradução livre), o trabalho foi iniciado levando em conta a proposta de Jacobson (1967) de que, no atendimento em crise, o psicanalista pode oferecer formulações que ajudem o indivíduo a perceber seu problema de uma forma diferente, a partir de clarificações e interpretações que são possíveis de serem assimiladas no período do atendimento.

Iniciativas semelhantes no mundo também foram consideradas. Por exemplo, escutou-se o relato da psicanalista Ana Catarina Duarte Silva (2020), no podcast *IPA Off the Couch*, em que ela descrevia que, em Lisboa, psicanalistas atendiam a pessoas da comunidade a partir de uma linha telefônica. Houve a compreensão de que o isolamento estava reativando antigas dificuldades e, devido ao contexto, não havia ninguém para falar sobre. A psicanalista pontuou que o atendimento

focava no aqui-e-agora e almejava a ajudar o indivíduo a retornar a sua rotina diária.

Ideias de Bion (2016), ao trabalhar em contextos árduos, foram valorizadas. Por exemplo, ao atender pacientes terminais, ele propôs que o que interessa são pessoas vivas. Enquanto há uma vida que resta, há algo a ser feito para torná-la mais suportável. Pensando sobre o cenário de isolamento social, refletiu-se sobre o que ainda poderia ser feito, sobre o que ainda era disponível.

Por fim, entendeu-se que não havia a possibilidade de se realizar um trabalho em que patologias, dinâmicas internas profundas, padrões de funcionamento ou problemas crônicos fossem abordados. A escuta focou-se no problema imediato relatado pela pessoa que buscava atendimento. Assim, a proposta não foi de análise ou psicoterapia, mas de acolhimento. O objetivo foi tornar viva a ideia de que, apesar do isolamento, ainda partilhávamos um laço social.

A maioria dos contatos foi realizado por telefone. Para marcar o horário, o psicanalista costumava falar sobre a importância de estar em um lugar tranquilo e privativo no momento da conversa. No entanto, não era o que sempre ocorria. Por vezes, as conversas eram interrompidas por barulhos, por quedas de conexão telefônica e por outros imprevistos que, muitas vezes, impactavam a escuta analítica, mas, com o esforço da dupla, o trabalho era mantido. Com o objetivo de tornar o leitor mais familiar com o trabalho descrito, duas escutas são apresentadas a seguir. Ambos os relatos são feitos em primeira pessoa por envolver processos internos das analistas.

ALBERGAR O OUTRO EM UM LUGAR DESCONHECIDO

Jorge era um rapaz de 22 anos. O encontro foi marcado através do aplicativo WhatsApp. Observei que, em seu perfil, havia apenas a imagem de um personagem de mangá que não era familiar a mim. O homem explicou que teríamos que conversar pelo aplicativo. Ao iniciar nosso atendimento, ele falou que não poderia utilizar o vídeo ou o áudio, pois tinha dificuldades de se expressar dessa forma. Ele escreveria. Tentei me expressar enviando áudios, mas ele me pediu para, também,

só escrever. Fiquei receosa, mas continuei ao lembrar das cartas de Freud.

Ao começar a escrever, senti falta da fluidez e espontaneidade da minha fala. Sentia-me travada e planejada no que escrevia. Tinha receio das minhas palavras serem expostas e não preservadas por ele. Afinal, eu não o conhecia. Ele demorava a visualizar e a responder as minhas mensagens. Eu me questionava sobre o que acontecia do outro lado do telefone, e se ele era mesmo quem dizia ser. O rapaz falou, então, que se sentia sozinho e não-visto pelo outro. O isolamento social havia agravado isso. Percebi, então, que meu sentimento, durante o atendimento, era muito familiar a ele. Passei, então, a acolhê-lo a partir do estrangeiro que eu estava tentando tolerar em mim.

Derrida (2003), em seu livro *Da Hospitalidade*, descreve o corriqueiro sentimento de inquietude que surge quando entramos em um lugar desconhecido. Há uma impotência em relação a um lugar que se acreditava assegurado para poder começar a falar. Derrida lembra que a hospitalidade, ao contrário do que imaginamos, não pertence àquele que hospeda, nem ao convidado, mas ao gesto pelo qual um oferece acolhida ao outro.

Tivemos apenas um encontro. O acolhimento foi feito a partir de sentimentos que Jorge depositou em mim e que eu, mesmo com todas as dificuldades, tentei traduzir para ele. Apesar de estarmos em uma moradia estranha, pudemos encontrar um ao outro em um espaço virtual.

EM QUE MOMENTO PERDI A MINHA FACE

Seguindo a proposta de escuta solidária, recebi Mário, um paciente novo e totalmente virtual. No primeiro contato por WhatsApp, já não havia a foto dele. Não sabia com quem estava falando, nem por uma imagem. Combinado tudo com ele sobre horário e formas de atendimento, ele se recusou que fosse com vídeo. Não poderia vê-lo, nem na hora do atendimento. Seria apenas por áudio. A única informação que eu tinha era a de ser um rapaz de 24 anos, então, tentei acrescentar em minha mente, tentando usar o entorno que me restava, a informação de que esse rapaz não podia, por ora, ser visto.

A voz era compatível com a idade. Havia muito barulho ao fundo, principalmente de motos passando e cachorros latindo, e ele falava baixo. Sua voz baixa talvez fosse uma tentativa de preservar qualquer intimidade possível naquele momento, já que o ambiente era barulhento.

Mário resumiu sua vida rapidamente: era estudante e tinha uma namorada. Ele queixou-se da namorada que, segundo ele, dizia que ele não sabia se comunicar ou “se fazia de besta” ou era mentiroso. Mário não sabia exatamente do que se tratavam as queixas da namorada. Dizia não as entender; não sabia pensar sobre elas. No fim das contas, parecia ceder aos títulos que a namorada impôs por não saber pensar, o que gerava nele um conflito e angústia por medo de perdê-la. Na tentativa de apreender algo, fiquei pensando em alguém preso a barulhos, falando baixo e talvez também preso a um ambiente pouco reservado e, assim, formei um pensamento de alguém vivendo um “aperto” sem saída. Ele não podia se mostrar, pois não sabia quem era, nem qual lugar ocuparia na vida. Conversamos um pouco sobre isso.

Lembrei-me, entre o espaço de uma semana para nosso segundo contato, do texto *O estranho* (Freud, 1919/1996). Ao buscar o texto, deparei-me com o fato de ser um artigo escrito em um momento de isolamento, devido à guerra e à gripe espanhola, em restritas condições financeiras. A informação gerou-me um impacto interno seguido de expectativas de compreensão. A experiência remota, isolamento e restrições que passamos a vivenciar com a ocorrência da pandemia gerou e gera estranhezas, o que Freud sabiamente soube aproveitar. O estranhamento, familiar nesse momento, possibilitaria pensamentos e sentimentos que poderiam ser úteis à função analítica.

Freud (1919) iniciou seu texto falando da estética, não apenas como relativa à beleza, mas também às qualidades do sentir. Mário, que não sabia o que sentia, não sabia se os títulos oferecidos a ele eram reais. Ele também não podia se mostrar na foto temendo que se revelasse nela algo que pudesse ser assustador. Talvez ele tivesse imaginado que não fosse familiar a mim algo de assustador que ele sentiria dentro dele?

No segundo contato, vi que sua foto estava lá. Eu estava autorizada a saber como era a estética de Mário: um rapaz com cabelos de cachinhos parecidos de anjo, moreno e com um cavanhaque que parecia quebrar a ideia angelical. Freud (1919) também mencionou que no significado da palavra estranho, em alemão, há uma ambivalência, “até que finalmente coincide com seu oposto” (p. 244). Angelical ou não? Não sei, fiquei apenas aguardando, pois o que deveria permanecer oculto emergiria de alguma forma, estranho, através de uma imagem ambivalente.

Mário contou que um acidente o manteve em casa por um tempo longo, sem locomoção. Em seguida, veio a quarentena. Ele, que já vivia em isolamento, precisou manter-se nele. Fui percebendo que seu isolamento talvez fosse ainda mais antigo. Mário sempre se sentiu alguém do social, sentia que sofria preconceitos e se comportava muito acuado diante da vida. Temia falar com as pessoas, dizia não saber se comunicar. A namorada, que se queixava disso, pressionava-o pedindo explicações sobre algo que ele havia dito e não conseguia reproduzir novamente, o que lhe conferia o título de mentiroso. Parecia que quanto mais preso se sentia, mais sem recursos ficava para se comunicar. Era como morrer afogado no raso, por desespero.

Desta forma, o estranho, em Mário, parecia ser vivido a partir de dois caminhos: (1) sua imagem poderia ser sentida como assustadora, e (2) o assustador do atual isolamento relacionava-se com uma conhecida e familiar experiência de isolamento vivida durante uma vida. Um isolamento solitário e sem muitos pensamentos. Freud (1919/1996) considerou que “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (p. 238).

Mário parecia assustado, pois o momento representava, de forma muito concreta, momentos conhecidos e assustadores. A quarentena levou Mário a um lugar conhecido, familiar, afetou partes de uma experiência já sentida por ele. É possível que Mário tenha passado a viver um desespero também conhecido. Um clima de prisão, dentro de um isolamento antigo, onde parecia existir apenas ele e um cachorro. O isolamento era de solidão. Não sabia se expressar, não podia ser visto, não sabia quem era. Um estranho “sem” ninho. Freud (1919/1996) falou

de uma repetição que provoca sensações estranhas, e evoca uma sensação de desamparo. Um desamparo apavorante que parecia ser sentido e vivido a cada desentendimento com a namorada, como se reforçasse o que já sentia: a ideia de não-ser, que resultava em incapacidade de pensar.

Bion (1961/1991) defendeu que “o pensar é um desenvolvimento imposto à psique pela pressão dos pensamentos” (p. 186). Tentei captar algum pensamento de Mario através de uma comunicação quase atrofiada de um rapaz assustado, amedrontado com a possibilidade de viver uma catástrofe caso a namorada o abandonasse, e com uma forte sensação de ser quase um refugiado solitário. No texto *Uma teoria do pensar*, Bion (1961/1991) assinalou que quando o bebê fica com a experiência de um objeto que não o compreende, sua consciência fica rudimentar, não podendo suportar a carga que será depositada. Mário sempre viveu o isolamento. Não foi uma experiência nova para ele, seu isolamento era, de fato, da vida.

Em nossa terceira conversa, Mario atrasou vinte minutos, disse que estava discutindo com a namorada. Contou que, nessa briga, pela primeira vez, conseguiu dizer para a namorada que ela estava sendo injusta com ele, pois ela dizia coisas que ele não era. Depois, pude me dar conta, era o começo do fim.

Bion (1961/1991) julgou o aspecto social necessário para a vida. Ele destacou a importância do grupo para o desenvolvimento da capacidade de pensar ao salientar que “em sua origem, a comunicação se faz através da identificação projetiva” (p. 191). Essa experiência pode abrir caminho para a função alfa e o pensamento normal. Do contrário, atrofia-se o pensamento e a capacidade de comunicação. Essa foi minha sensação com Mário. Bion (1961/1991) ressaltou, em sua teoria, o vínculo, a importância do encontro para uma experiência analítica. Escrevo, aqui, minhas impressões sobre Mário, sem o encontro, não apenas o nosso, mas o dele com a vida.

Uma função importante da comunicação é alcançar a correlação. Enquanto a comunicação é ainda uma função privada, as concepções, os pensamentos, e sua verbalização são necessárias para facilitar a combinação

de um conjunto de dados sensoriais com outro. Se os dados combinados se harmonizam, experimenta-se um sentido de verdade, e é desejável que se dê expressão a este sentido uma afirmação análoga a um enunciado funcional da verdade. O fracasso em realizar essa conjunção de dados sensoriais e, portanto, em se chegar a um ponto de vista baseado no senso comum, induz a um estado emocional de debilidade do paciente, como se a inanição por falta de verdade fosse de algum modo análoga à inanição alimentar. (Bion, 1961, p. 192)

É provável que Mario se conhecia tão pouco que, provavelmente, não saberia qual sua comida favorita. Tal qual a inanição alimentar, cujo significado se dá por uma insuficiência nutricional grave e prolongada, em seu caso, inanição de símbolos e significados, tão restritos e insuficientes, resultaram em uma insuficiência do pensar.

Como pressenti, nosso quarto e último contato foi breve, e apenas para finalizar a escuta solidária. Mario agradeceu e disse não ter mais o que contar. Em nossa penúltima conversa, eu já havia imaginado que ou o namoro terminava ou nossas conversas. As conversas terminaram. Escrevo apenas impressões, sensações e talvez intuições, dentro do que foi possível, de um encontro remoto, de apenas quatro contatos.

CONCLUSÃO

O mundo parecia viver um minuto de silêncio. Tudo parou. Fecharam-se as fronteiras. Mas não era apenas um minuto. Não sabíamos o que estava acontecendo, nem o tempo que essa experiência próxima a um terror sem nome duraria. Havia notícias das mais diversas: o silêncio do isolamento fez a terra tremer menos, a poluição de rios diminuiu, além das barulhentas e confusas guerras políticas. Silêncio e barulho ao mesmo tempo. Em meio a tudo isso, da psicanálise, nasceram atendimentos remotos, escutas solidárias e textos brilhantes de diversos psicanalistas pelo mundo. Tivemos que abrir as fronteiras de nossas mentes para enfrentar o que a experiência exigia.

Durante esse período, fez-se presente a importância do estar junto à comunidade que estava se sentindo instável diante da crise e que não poderia arcar os custos de um atendimento com um profissional. Sabia-se que, quando há uma possível conexão com outras pessoas ou, no caso, a uma rede de apoio, o mal-estar poderia ser reduzido. Estávamos isolados fisicamente, mas haveríamos de encontrar formas de fornecer algum acolhimento ao outro. O projeto de Escuta Solidária promovido pela Sociedade Psicanalítica de Fortaleza prestou-se a esse propósito.

Ogden (2013) sugeriu que precisamos criar uma psicanálise para cada paciente, assim como foi feito nos atendimentos. Ele propôs que, para apreender, em palavras, algo da experiência de estar vivo, “as palavras precisam estar vivas, palavras quando vivas e respirando, são como acordes musicais, deve-se permitir que a ressonância total do acorde ou da frase seja ouvida em toda sua sugestiva imprecisão” (p. 22). Foram palavras vivas, escutas vivas, que contribuíram não apenas para o projeto, mas também para todos os analistas que se mantiveram ativos, criativos e, de certa forma, vitalizados.

Nos atendimentos, apesar de a técnica ter provado de sua elasticidade, o instrumento analítico permaneceu o mesmo: o uso que o psicanalista faz de seus processos inconscientes. Continuou-se a manter o estado de receptividade ao que estava sendo projetado. O inconsciente do analista, portanto, permaneceu respondendo aos derivados do inconsciente do paciente, mesmo com todos os desafios encontrados pelo par analítico. O aspecto físico do *setting*, assim, mudou, afinal, muito da sensorialidade havia sido perdido. No entanto, o seu aspecto interno, não.

Por fim, salienta-se a importância do compartilhar as angústias, o não-saber, a impotência, os conflitos contratransferenciais, com os colegas que participaram do projeto. As reuniões foram um momento não só para pensar direcionamentos,

mas também para metabolizar essa intensa experiência. Assim, em um tempo em que fazer e manter laços estava sendo tão desafiado, participar do projeto foi uma forma de seguir em frente, tornando realidade, como diz o Raul Seixas, o que se sonha junto.

REFERÊNCIAS

- Bion, W. R. (1991) Uma teoria do pensar. In: Klein, Melanie. *Melanie Klein hoje: desenvolvimentos da teoria e da técnica*, v. 1, Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1961)
- Bion, W. R. (2016). *Seminários na clínica Tavistock*. Reino Unido: Karnac Books.
- Camus, A. (2019). *A peste*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Derrida, J. (2003). *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade*. São Paulo: Escuta.
- Ferenczi, S. (2011). Elasticidade da técnica psicanalítica. In: *Obras Completas*. v.4. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1932)
- Freud, S. (2010). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In: *Obras completas de Sigmund Freud*. v. 10. São Paulo: Companhia das letras. (Originalmente publicado em 1912)
- _____. (1996). O estranho. In: *Obras completas de Sigmund Freud*. v.17. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1919)
- Jacobson, G. (1967). Some Psychoanalytic Considerations Regarding Crisis Therapy. *The Psychoanalytic Review*, 54 D(4), 93-98.
- Ogden, T. (2013). *Reverie e interpretação: captando algo humano*. São Paulo: Escuta.
- Silva, A. C. D. (02 de outubro de 2020). *Episode 45: A report from Lisbon with Ana Catarina Duarte Silva, Ph.D.* Podcast. Disponível em: <http://ipaoffthecouch.org/2020/04/07/episode-45-a-report-from-lisbon-with-ana-catarina-duarte-silva-phd/>.